

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ  
Redactor principal: ALEXANDRE VIEIRA  
Propriedade da Confederação Geral do Trabalho  
Editor: Carlos Maria Coelho

PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA  
ANO IV — Número 1.006  
Sexta feira, 3 de Março de 1922  
PREÇO \$10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia  
Calçada de Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL  
Endereço telegraphico: Talha — Lisboa — Telefone 5339-0  
Officinas de impressão: Rua de Atila, 114 e 115

Verifica-se que o buato da greve revolucionária propalado pela imprensa não é só um "truc" governamental: é também um meio de enfraquecer a vontade da restante classe operária para não prestar a sua solidariedade ao pessoal da Carris. Abaixo a máscara!

## A PENA DE MORTE

### É o sr. Cunha Leal o político que apresentará na Câmara o odioso projecto da pena de morte!

Esse homem, que disse — referindo-se à scena sangrenta que presenciou no Arsenal — que só nesse momento teve a verdadeira noção do valor da vida humana, vai agora apresentar um projecto de lei que, a ser aprovado, seria o maior atentado contra a vida humana que nestes últimos tempos se poderia praticar!

A intenção de restabelecer a pena de morte neste país revela no sr. Cunha Leal, ou uma malvadês monstruosa ou um reles espírito de justiça.

Felizmente, todos os homens livres, todos os que realmente tenham a noção de quanto vale a vida humana, saberão erguer bem alto o seu protesto, saberão impedir que o homicídio se transforme, por capricho dum homem, na mais vil, na mais abjecta instituição nacional!

Trabalhadores, homens de consciência sã. bradai connosco:

## ABAIXO A PENA DE MORTE!

### Descobre-se a armadilha!

Inédito, porque é obscuro, porque já mais se usou é o processo de que o governo está usando, ou, por ele, os seus agentes — essas creaturas que o aconselham, ou os plúmbeos que na imprensa a soldo da patronal, das forças do olho vivo, engendram os planos de greve geral revolucionária, de feição sangrenta com que tem preparado ambiente para uma possível perseguição à classe operária e aos seus organismos.

Não teríamos andado longe da verdade quando na nossa *en-tête* de ontem relatamos o que até nós chegou, isto é, que ao governo convinha qualquer pretexto, mesmo pelos seus acólitos inventado, para tentar destruir a organização como primeiro passo para obter no estrangeiro um empréstimo. Que isso tem visos de verdade demonstra-o o facto, relatado à boca pequena, de lá fora terem respondido a mandatários governamentais portugueses, que não teriam confiança bastante nos nossos homens do governo, enquanto se degladiassem por cá em lutas sangrentas os nossos amáveis e amados políticos.

E' porém certo que nem o governo nem a imprensa logram explicar ao povo boquiaberto o que representa o cerco a Lisboa e a que se destina. A greve geral revolucionária que uns e outros inventaram — o que não se verificou porque não tinha que verificar-se, mas que, porque se não produziu, já os jornais da noite diziam ser devido à concentração de tropas — essa invenção redundou num enorme fiasco, porque veio mais uma vez demonstrar até onde chega a pouca vergonha de certos mentirosos que pontificam em Lisboa e que suggestionam as multidões simplistas e crédulas.

Essa mentira deve encobrir fundos desígnios que não escapam à sagacidade de creaturas inteligentes, que bem sabem não ser necessária a concentração de tropas em torno de Lisboa por causa duma greve geral, por muito revolucionária que ela seja. Para isso seria necessário que o armamento da classe operária não fossem apenas os instrumentos de trabalho com que produz para o sustento da farta parasitagem que a explora; seria necessário que os instrumentos de trabalho fossem iguais aos instrumentos de morte da Guarda Republicana...; seria necessário que a organização operária equivallesse à organização caseira do exército, com idêntica disciplina e idêntica educação.

Essa invenção não passa, pois, de pura comedia e comedia de mau gosto, mas com que se procura, por outro lado, favorecer um baixo intuito da Companhia Carris de Ferro, que assim se prepara para vencer, por outra armadilha, e seu pessoal que teve um gesto altivo e nobre — mais nobre e mais altivo do que o de muitos plúmbeos da imprensa a soldo da finança — e que continua mantendo-se unido e firme em defesa duma causa digna e levantada.

Com a consciência do que fazem, os inventores do boato sabiam que, muito naturalmente, teriamos que desfazer a atoarda. Sabiam que pela necessidade de destruir uma mentira, nós teríamos, em certo modo, de neutralizar a propaganda que houvessemos de fazer a favor do valoroso pessoal grevista da Carris, agora que a Companhia ardilosamente, o quer arrastar ao cometimento duma traição, por uma entrega, parcialmente feita, por meio de apresentações individuais. Descobre-se assim o objectivo da imprensa inventora da mentira. O seu fim está à vista: era enfraquecer os grevistas, contribuir para que a Companhia os vencesse, vencendo assim a prepotência, a perseguição, a vingança, o esmagamento impiedoso e desumano.

Não é inédita esta armadilha, é a repetição do processo há muito inaugurado pelo patronato e que algumas vezes lhe tem dado resultado. Iniciada na Carris, esta armadilha ardilosa estender-se-ia logo às classes marítimas. Vencidas estas classes, quaisquer outras que quisessem promover o melhoramento das suas condições de vida, ficariam assim com um ambiente desgraçado que as impossibilitaria de se preparar.

E' a formal condenação à morte lenta das classes assalariadas; é o roubo assegurado aos funcionários, aos industriais, aos comerciantes, a todos os zangãos que se enriquecem à custa da miséria e da fome do povo.

Eis o tenebroso ardil, a emboscada, a vil armadilha com que se pretende manietar a acção da classe operária, a principiar já com a tentativa de desmoralização do pessoal da Carris, que se estenderia às classes marítimas e que aniquilaria momentaneamente as outras classes operárias.

Razão tínhamos quando bradávamos aos trabalhadores que se puzessem em guarda, que estivessem alerta.

O facto aí está patente! Não se iludam, pois, os camaradas da Carris! Não desarmem as classes marítimas!

Apertem os laços de solidariedade às restantes classes trabalhadoras!

Que os mentirosos se convençam que os seus intuitos estão descobertos...

### "A Batalha" em Olhão

E' já amanhã que A BATALHA publicará a página especial dedicada a Olhão, com interessantes impressões dum nosso enviado especial.

A história da laboriosa vila algarvia, a psicologia do seu povo, a higiene, a instrução, o desenvolvimento industrial, etc., são assuntos interessantíssimos comentados na

Página especial que o povo de Olhão ansiosamente espera.

Vão, enfim, ser satisfeitos os desejos daqueles que nos tem escrito pedindo-nos a

publicação da anunciada página de

"A Batalha" exclusivamente dedicada a assuntos que interessam ao POVO DE OLHÃO

A sua curiosidade vai ser satisfeita

Amanhã

### A pena de morte

Todos os que teem pela vida um verdadeiro culto devem opor-se à pretensão do ex-presidente do ministério

A Batalha estava bem informada. Quando souto o seu brado de alarme, quando deu ao país a revoltante novidade de que um político em evidência pretendia restabelecer a pena de morte, sabia muito bem que esse político em evidência era o sr. Cunha Leal.

Não quiz A Batalha, de comêto revelar o nome desse homem sobre quem agora recai o desprezo de todos os que amam a vida intensamente. Não quiz A Batalha precipitar as suas revelações porque sempre julgou que os seus brados de protesto — brados onde palpa toda a indignação dum povo — acordariam no sr. Cunha Leal a razão porventura adormecida. Tivemos esperança no arrependimento desse homem público que algumas simpatias contava entre o povo; não quizemos revelar a sua infâmia, sem que a sua boca proferisse algo de decisivo.

O sr. Cunha Leal não recuou — não recuar é uma boa qualidade quando se trata dum acto dignificante — o sr. Cunha Leal não recuou e anunciou ontem batendo no peito com orgulho — os assassinos também teem o seu orgulho — a Câmara dos Deputados, numa passagem do seu discurso acerca das vítimas de 19 de Outubro, o que nós já sabíamos, que tencionava apresentar um projecto de lei no intuito de restabelecer em Portugal a pena de morte.

Não preguntamos ao sr. Cunha Leal qual é a intenção que o anima ao re-

impiedoso. O castigo não evita a repetição do crime. O crime evita-se preparando um meio ambiente saneado, de forma que os anormais se vão curando a pouco e pouco.

Uma criança, ao nascer, pode ter herdado uma tara. Se essa criança cometer um crime mais tarde, depois de adulto, em consequência dessa tara, é a responsabilidade exclusiva pelo delicto da responsabilidade exclusiva pelo delicto praticado? Não, perante as leis sagradas da consciência, se bem que a lei escrita lhe peça responsabilidades tremendas.

Se, pois, o tal político tem a generosa pretensão de evitar o crime, apresentando efectivamente um projecto de lei de pena de morte, mas de pena de morte para a sociedade actual, como colectividade, pois a organização social presente, contrária às leis da Natureza, que deve morrer quando antes, dando

lugar a uma sociedade justa onde o indivíduo, ao nascer, encontre a garantia do seu desenvolvimento físico, moral, profissional e artístico.

A pena de morte é uma noção em qualquer nação. Quasi posso afirmar que a pena de morte em França é a maior vergonha daquele país, onde aliás os princípios científicos e liberais teem fundas raízes. Infelizmente, o crime existe em alta escala. E como não ser assim se o homem encontra na sua frente mil motivos de perdição, como o jogo, o álcool, a miséria, a sífilis, o tabaco e mil e um preconceitos infelicitantes?

Pena de morte! Que triste e miserável intuito! Sejam todos bons, comovidos perante a desgraça alheia, e o crime irá diminuindo a pouco e pouco até à sua completa extinção. Haja não com a furtiva para todas as bocas, instrução a

clamar a pena de morte — porque não há razão por mais poderosa que justifique semelhante crime.

O sr. Cunha Leal quer a adopção da pena de morte em Portugal — nós não a queremos. O país não quer a pena de morte! Temos a nosso lado um povo inteiro, com a sua intuição sublime da justiça, contra os caprichos sanguinários do sr. Cunha Leal. Como poderemos nós acreditar agora na sinceridade dos seus protestos contra os atentados de 19 de Outubro, quando o sr. Cunha Leal acaba de revelar instintos mais repugnantes que os dos mais bárbaros assassinos? Se foram revoltantes os seus atentados gerados numa revolução, sob uma violenta paixão política, como poderemos classificar o crime do sr. Cunha Leal que nem ele próprio sabe com precisão quem atingirá? Quem sabe se o ex-presidente de ministério não terá passado estes dias — podemos assim falar ante o seu projecto aviltante — a meditar friamente em sua casa a morte de inocentes?

Sr. Cunha Leal, a sorte varia como o vento. E o gládio que hoje pretende suspender sobre os seus adversários políticos, reclamando a pena de morte, pode de amanhã amanhã sobre a sua cabeça. As situações políticas em Portugal mudam constantemente e a lei da pena de morte agora nas mãos dos amigos pode fugir para as dos mais perigosos inimigos. Não deseeje a outrem o mal que para ti não pretendes. Não queiras matar os outros — pode de-se agora a sr. Cunha Leal — se não queres dar aos outros o direito de te matarem!

Jorros para todos os cérebros, agasalhos para todos os rôtos, e o crime deixará de existir.

Em duas palavras: crie-se uma sociedade onde todos sejam produtores, e o crime terá desaparecido totalmente. Aceitem, camaradas de A Batalha, um grande abraço do vosso irmão em causas, — Gonçalves Correia.

O protesto dos marinheiros e moços da marinha mercante

A Associação dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, reunida em assembleia magna protestou energicamente contra a intenção dum político em evidência apresentar um projecto de lei para o restabelecimento da pena de morte em Portugal.

A Batalha e o proletariado

Ao passar o 3.º ano de publicação deste intemerato defensor do proletariado e de todos os que sofrem qualquer injustiça, eu não podia deixar de manifestar aqui o meu aplauso pela sua boa orientação doutrinária, com cuja tática tenho estado de perfeito acordo. E por A Batalha ser um diário que nunca se deixou subornar, que nunca se vendeu ao capitalismo, apesar das tentativas de suborno que os agentes das grandes empresas monopolistas já teem feito, julgando que A Batalha atraia os interesses do público, bastava só este motivo para que este periódico fosse o diário preferido por toda a gente que produz a riqueza pelo próprio trabalho e por todos os indivíduos que tenham sido lesados pelas empresas monopolistas.

A Batalha tem sido e continua a ser um defensor activo de todas as pessoas que sejam vítimas de qualquer injustiça, sem se importar com as cronças políticas ou religiosas de quem se lhe aproxime

clamar a pena de morte — porque não há razão por mais poderosa que justifique semelhante crime.

O sr. Cunha Leal quer a adopção da pena de morte em Portugal — nós não a queremos. O país não quer a pena de morte! Temos a nosso lado um povo inteiro, com a sua intuição sublime da justiça, contra os caprichos sanguinários do sr. Cunha Leal. Como poderemos nós acreditar agora na sinceridade dos seus protestos contra os atentados de 19 de Outubro, quando o sr. Cunha Leal acaba de revelar instintos mais repugnantes que os dos mais bárbaros assassinos? Se foram revoltantes os seus atentados gerados numa revolução, sob uma violenta paixão política, como poderemos classificar o crime do sr. Cunha Leal que nem ele próprio sabe com precisão quem atingirá? Quem sabe se o ex-presidente de ministério não terá passado estes dias — podemos assim falar ante o seu projecto aviltante — a meditar friamente em sua casa a morte de inocentes?

Sr. Cunha Leal, a sorte varia como o vento. E o gládio que hoje pretende suspender sobre os seus adversários políticos, reclamando a pena de morte, pode de amanhã amanhã sobre a sua cabeça. As situações políticas em Portugal mudam constantemente e a lei da pena de morte agora nas mãos dos amigos pode fugir para as dos mais perigosos inimigos. Não deseeje a outrem o mal que para ti não pretendes. Não queiras matar os outros — pode de-se agora a sr. Cunha Leal — se não queres dar aos outros o direito de te matarem!

Jorros para todos os cérebros, agasalhos para todos os rôtos, e o crime deixará de existir.

Em duas palavras: crie-se uma sociedade onde todos sejam produtores, e o crime terá desaparecido totalmente. Aceitem, camaradas de A Batalha, um grande abraço do vosso irmão em causas, — Gonçalves Correia.

O protesto dos marinheiros e moços da marinha mercante

A Associação dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, reunida em assembleia magna protestou energicamente contra a intenção dum político em evidência apresentar um projecto de lei para o restabelecimento da pena de morte em Portugal.

A Batalha e o proletariado

Ao passar o 3.º ano de publicação deste intemerato defensor do proletariado e de todos os que sofrem qualquer injustiça, eu não podia deixar de manifestar aqui o meu aplauso pela sua boa orientação doutrinária, com cuja tática tenho estado de perfeito acordo. E por A Batalha ser um diário que nunca se deixou subornar, que nunca se vendeu ao capitalismo, apesar das tentativas de suborno que os agentes das grandes empresas monopolistas já teem feito, julgando que A Batalha atraia os interesses do público, bastava só este motivo para que este periódico fosse o diário preferido por toda a gente que produz a riqueza pelo próprio trabalho e por todos os indivíduos que tenham sido lesados pelas empresas monopolistas.

A Batalha tem sido e continua a ser um defensor activo de todas as pessoas que sejam vítimas de qualquer injustiça, sem se importar com as cronças políticas ou religiosas de quem se lhe aproxime

clamar a pena de morte — porque não há razão por mais poderosa que justifique semelhante crime.

O sr. Cunha Leal quer a adopção da pena de morte em Portugal — nós não a queremos. O país não quer a pena de morte! Temos a nosso lado um povo inteiro, com a sua intuição sublime da justiça, contra os caprichos sanguinários do sr. Cunha Leal. Como poderemos nós acreditar agora na sinceridade dos seus protestos contra os atentados de 19 de Outubro, quando o sr. Cunha Leal acaba de revelar instintos mais repugnantes que os dos mais bárbaros assassinos? Se foram revoltantes os seus atentados gerados numa revolução, sob uma violenta paixão política, como poderemos classificar o crime do sr. Cunha Leal que nem ele próprio sabe com precisão quem atingirá? Quem sabe se o ex-presidente de ministério não terá passado estes dias — podemos assim falar ante o seu projecto aviltante — a meditar friamente em sua casa a morte de inocentes?

Sr. Cunha Leal, a sorte varia como o vento. E o gládio que hoje pretende suspender sobre os seus adversários políticos, reclamando a pena de morte, pode de amanhã amanhã sobre a sua cabeça. As situações políticas em Portugal mudam constantemente e a lei da pena de morte agora nas mãos dos amigos pode fugir para as dos mais perigosos inimigos. Não deseeje a outrem o mal que para ti não pretendes. Não queiras matar os outros — pode de-se agora a sr. Cunha Leal — se não queres dar aos outros o direito de te matarem!

Jorros para todos os cérebros, agasalhos para todos os rôtos, e o crime deixará de existir.

Em duas palavras: crie-se uma sociedade onde todos sejam produtores, e o crime terá desaparecido totalmente. Aceitem, camaradas de A Batalha, um grande abraço do vosso irmão em causas, — Gonçalves Correia.

O protesto dos marinheiros e moços da marinha mercante

A Associação dos Marinheiros e Moços da Marinha Mercante, reunida em assembleia magna protestou energicamente contra a intenção dum político em evidência apresentar um projecto de lei para o restabelecimento da pena de morte em Portugal.

A Batalha e o proletariado

Ao passar o 3.º ano de publicação deste intemerato defensor do proletariado e de todos os que sofrem qualquer injustiça, eu não podia deixar de manifestar aqui o meu aplauso pela sua boa orientação doutrinária, com cuja tática tenho estado de perfeito acordo. E por A Batalha ser um diário que nunca se deixou subornar, que nunca se vendeu ao capitalismo, apesar das tentativas de suborno que os agentes das grandes empresas monopolistas já teem feito, julgando que A Batalha atraia os interesses do público, bastava só este motivo para que este periódico fosse o diário preferido por toda a gente que produz a riqueza pelo próprio trabalho e por todos os indivíduos que tenham sido lesados pelas empresas monopolistas.



# A LUZ DO SOL Ainda "A Semana da BATALHA"

## Num momento em que uma atmosfera de reacção se prepara, é consolador o apoio manifestado à BATALHA pelos trabalhadores

Continuam a alioir à nossa redacção as entusiásticas saudações do proletariado pela passagem do 3.º aniversário de A Batalha.

Esse carinhoso apoio, manifestado num momento em que a loucura de regressão assaltou os cérebros dementados dos nossos governantes, significa que o povo, o verdadeiro povo — o que produz e se estiola — está conosco, pronto a manter o jornal que ergue bem alto a ideia da justiça e da igualdade. E' com prazer que registamos esta quantidade enorme de manifestações de apoio. São elas que dão à Batalha a vida e a energia necessárias para combater uma sociedade criminosa que pretende, hoje mais do que nunca, esmagar as justas aspirações dos trabalhadores.

Não tem sido apenas o apoio moral que o operariado tem manifestado neste momento. Também tem sido o material. Haja em vista as numerosas vezes tiradas em toda a parte.

Oxalá todos os que trabalham se comprometem de que, nesta ocasião sobretudo, é preciso que A Batalha tenha bem garantida a sua existência para resistir às perseguições que pretendem fazer-lhe.

### Saudeações do proletariado

#### Compositores Tipográficos

Da comissão administrativa da Associação dos Compositores Tipográficos de Lisboa, recebemos a seguinte carta:

Camadas: Traduzindo a ideia de todos os compositores tipográficos organizados, a comissão administrativa do sindicato profissional envia à Batalha e a todos os seus colaboradores as suas saudações pela passagem do 3.º aniversário de publicação e de trabalho em prol da classe mais justa, como é a dos trabalhadores. E que a Batalha prossiga, como até o momento, embora arrojando a vida e a alma de obstáculos, mas apontando a calúnia, o despotismo, a tirania e reabilitando a Verdade — são os votos ardentes que, do gabinete do sindicato, lhe endereça a comissão administrativa, que vai enviar os seus esforços para dispensar o máximo auxílio ao órgão da C. G. T. — Pela comissão, — Alfredo Rodrigues.

#### Soldadores de Almada

A secção profissional dos soldadores de Almada, reunida em assembleia geral para apreciar a marcha do conflito com a fábrica de conservas "A Inventiva", aprovou por unanimidade um voto de saudação pela passagem do seu 3.º aniversário ao Intérprete Defensor das classes operárias, A Batalha, porta-voz da organização operária portuguesa.

Também foi aprovado por unanimidade, que assim que termine o conflito acima citado, a classe corresponda ao

### Rurais de Montemor-o-Novo

A direcção da Associação dos Trabalhadores Rurais de Montemor-o-Novo, reunida em sessão extraordinária no dia 25 de Fevereiro, resolveu enviar 20\$00, que já recebemos, para desenvolvimento de A Batalha, a quem saúdam pelo seu terceiro aniversário.

### Sindicato dos Operários do Vestuário do Porto

PORTO, 2 - T. - O Sindicato do Vestuário do Porto saúda A Batalha, órgão dos trabalhadores, pelo seu terceiro aniversário e protesta energicamente contra as insidias lançadas contra a organização operária. — Carvalho, secretário.

### Corticeiros do Barreiro

Os operários corticeiros do Barreiro saúdam A Batalha e os que nela trabalham, fazendo votos para que prosiga no caminho até à data trilhada. Brevemente enviar-nos-ão o produto dumha queira tirada.

### Secção Mobiliária das Juventudes Sindicalistas

A nova comissão administrativa, ao tomar posse, saúda o jornal A Batalha, intérprete defensor dos oprimidos, pelo seu 3.º aniversário, fazendo votos para que continue na luta contra o capital e pela Emancipação Humana.

### Juventude do Minho e Douro

PORTO, 3 - T. - A Juventude Sindicalista dos ferroviários do Minho e Douro, reunida hoje saúda o grande campeão do sindicalismo pelo seu aniversário dando a sua adesão ao protesto contra a pena de morte. — J. Vicente.

### Saudeações individuais

Da Praia da Nazaré escrevem-nos o nosso amigo e camarada José Maria Roberto Júnior saúda A Batalha, em frases interessantes, plenas dumha revolução, intensa e sincera.

Junto nos enviou 1 escudo para as suas saudações e declara subscrever-se com 50 centavos mensais.

Um 1.º sargento, envia-nos uma carta plena de entusiasmo pelo futuro das ideias avançadas, saúda A Batalha e enviando 2\$50 para auxiliar a amortização do seu difícil.

Rita de Oliveira expressa numa carta que recebemos os seus ardentes votos pela vida da Batalha e envia-nos 50 centavos para as suas saudações.

J. Pereira saúda A Batalha pelo seu 3.º aniversário e envia-nos 5 escudos para as suas saudações.

De Marrocos recebemos uma saudação afectuosa do nosso camarada Carlos da Costa Palma, que envia 2\$50 para as saudações de A Batalha.

### MÚSICA

#### Festa artística de Pedro Blanch

No dia 5 realiza-se o último concerto deste ano da orquestra sinfónica em festa artística do notável maestro Pedro Blanch, no qual toma parte o grande pianista Viana da Mota, que executará com acompanhamento da orquestra as "Variações sinfónicas" das mais belas páginas do notável compositor, Cesar Franck, a "Rapsódia hespanhola" de Liszt, transcrita para orquestra por Busoni. A orquestra executará, entre outras peças o célebre "septimino" de Beethoven, com todos os instrumentos, "Imprevista" rapsódia sobre uma canção da Beira e outra do Douro, do "Elogio da saudade" e da "Fonte de Flaviano Rodrigues" e "Expressões de Portugal", rapsódia sobre cantos populares do Alentejo, de Manuel Ribeiro, primeira audição. Com um belo programa não é para extranhar que no próximo domingo não fique um bilhete por vender.

#### Tribunal de Defesa Social

Como noticiámos, efectuou-se ontem este tribunal o julgamento de João António da Costa, João António da Costa Júnior, José António Matos, Jacinto Pereira da Silva, Amário Pereira da Silva e Manuel da Costa Amorim, os cinco primeiros agricultores e o último pedreiro da construção civil, que eram acusados de implicados no lançamento de explosivos contra umas propriedades na freguesia da Meadela, Viana do Castelo.

Demonstrou-se a nenhuma razão da acusação e portanto foram todos absolvidos, provando-se assim mais uma vez a vingança e o ódio de certas criaturas contra a Associação dos Agricultores Meadenses.

Defendem os acusados o advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., dr. Sorral de Campos.

#### Pro-presos por questões sociais

Comissão central. Reúne hoje pelas 21 horas esta comissão, para tratar de assuntos que se prendem com a situação das camaradas presas.

Que nenhum delegado falte a esta reunião.

Mais uma vez se lembra a todos os organismos para enviarem delegados a esta comissão para activar a marcha dos trabalhos a efectuar.

#### Associação do Registo Civil

Realiza amanhã das 16,30 às 17,30 a sua consulta semanal o dr. sr. Roman Navarro. Todas estas consultas conforme o horário que temos publicado são gratuitas e dirigidas por distintos clínicos.

Conforme resolução da assembleia transacciona, reúne hoje, pelas 21 horas para efeitos de aumentos de cotas.

#### Obra dos assambareadores

No banco do hospital de S. José receberam ontem tratamento Aurora Teixeira, de 14 anos, Preciosa Pereira, de 19 anos, naturais de Lisboa e Adelaide Pereira, de 44 anos, de Moimenta da Serra e residentes na Travessa do Terreirinho, 6, 4.º, que depois de injerirem uma porção de alimento sentiram-se muito incomodadas.

#### Trigo exótico

O governo adquiriu à firma Lavado & C.ª, cerca de oito mil toneladas de trigo exótico, em harmonia com a proposta apresentada no último concurso realizado para o fornecimento daquele cereal. O navio que conduz o trigo deve chegar ao Tejo no todo o corrente mês.

#### Orfeon do Liceu de Camões

Realiza-se no próximo domingo em matine, às 15 horas, uma festa promovida pelo Orfeon do Liceu de Camões.

### TEATRO S. LUIZ

HOJE - Rêta-concerto de Luís Cardoso

(Secretário deste teatro)

em que obsequiosamente tomam parte os eminentes artistas do Teatro de S. Carlos: soprano Alma Buiol, contralto Ellen Sadoven, tenor Beline, barítono Rogério e baixo Griffo. Fantasia sobre motivos de ópera Norma pelo grande pianista Miana de Mota.

Solos de harpa pela insigne professora madame Veronice de Sá e de violoncello pelo notável violoncelista Henrique de Mendonça.

Cancões portugueses e brasileiros pelas distintas vozes Auzende de Oliveira e Adina de Sousa e tenores Carlos Ribeiro e Fernando Pereira.

A Trágédia de Quintela, versos de André Brel, recitados pelo autor.

A Valsa Alegre (2.º acto) pela companhia Armando Vasconcelos. No dia 7 festa artística do tenor Fernando Pereira, com a ópera Amor de Mósara.

### TEATRO S. LUIZ

HOJE - A magnífica comédia

CARTA ANÓNIMA

Conjunto excelente

Regra querida das senhoras

Quarta-feira 8

Escola da Companhia Francesa de

MADAME PIBRAT

### Vida Sindical

#### COMUNICAÇÕES

Federação Nacional da Construção Civil. — Comissão Administrativa Interina. — Reúne no dia 1 do corrente mês, com a presença de todos os delegados à excepção do secretário arquitecto. Entre o expediente que constava de ofícios dos Sindicatos de Portimão, Fafe e Viana do Castelo, este último, sobre a prisão de um camarada que foi ontem julgado no tribunal de defesa social tendo sido absolvido. O Conselho Administrativo reconhecendo a necessidade imperiosa de que um delegado acompanhasse o referido camarada para em Viana do Castelo após a chegada do mesmo realizar uma sessão, para desfazer mal entendidos, resolveu que o delegado a enviar fosse o ex-secretário geral desta Federação, por ter sido o mesmo quem tratou do caso desde o seu começo, e como taster habilitado a dar as explicações necessárias ao referido Sindicato. Deliberou também, telegrafar à Secção Federal de propaganda do Norte para que da mesma Secção siga também um delegado, e dar conhecimento desta resolução ao Conselho Federal.

Federação Metalúrgica. — Reúne a comissão administrativa tomando posse dos cargos para que foram nomeados os camaradas António Gomes Ribeiro e Manuel Pratas de Sousa, respectivamente secretário geral e secretário adjunto. Apreciam-se ofícios dos Sindicatos Unidos Metalúrgicos de Póvoa do Varzim, Ovar e Aljezur.

Resoluiu-se enviar ao Comité do Norte no sentido de desenvolver a propaganda na respectiva zona.

Foram também deliberados convocar para a próxima quinta-feira a reunião do Conselho.

#### CONVOCAÇÕES

#### U. S. O. de Almada

E' convocado a reunião amanhã, pelas 19 horas, na associação dos Taneiros, o conselho de delegados desta União, ao qual pela importância dos assuntos a tratar, devem todos comparecer. Previnem-se também, que todos os delegados nomeados para o corrente ano, se devem fazer acompanhar das respectivas credenciais, sem as quais não poderão tomar assento no conselho.

Federação do Calçado Gouros e Pelece. — Reúne hoje, a comissão administrativa pelas 21 horas.

Federação Indústria Mobiliária. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a comissão administrativa.

Pessoal Menor das Secretarias do Estado e Dependências. — Para tratar de assuntos urgentes, e de interesse para a classe, reúne em assembleia geral no próximo domingo, pelas 13 horas.

Encadernadores e Anexos. — Reúne hoje esta classe, com 2.ª convocação, em assembleia geral ordinária, pelas 20 horas, pedindo-se a comparecimento de todos os camaradas, especialmente os camaradas da Biblioteca Nacional.

Sindicato U. da Construção Civil de Lisboa. — Comissão administrativa. — Convidam-se todos os colaboradores a reunir hoje, pelas 19 horas, prefixas, a fim de se tomarem deliberações importantes, sendo necessário que nenhum falte a esta reunião para que não sejam prejudicados os trabalhos a pôr em prática deste Sindicato.

Operários do Município. — Reúne hoje, pelas 20 horas, a direcção, para a continuação dos trabalhos. Pedem-se comparecimentos dos colaboradores.

Sindicato Unico Metalúrgico. — Caixa de Solidariedade e Boim de Trabalho. — Reúne hoje, pelas 21 horas, prefixas, todos os componentes deste organismo. A esta reunião devem assistir os membros da comissão administrativa.

Sindicato Unico Mobiliário. — Para apreciar o movimento cooperativo a carência da vida, reúne, ontem, a especialidade dos torneiros em madeira, tendo resolvido reclamar do industrial aumento nos salários. Depois de apreciado por diversos camaradas as reclamações a fazer, foi aprovada uma proposta que indica o aumento a reclamar a qual baixou à comissão de melhoramentos, para estudar.

Para se pronunciar sobre o aumento de salário a reclamar reúne hoje, em assembleia, pelas 20 horas, todos os operários das classes de estofados, sargeiros, estofeiros e cesteiros.

Hoje volta a reunir a comissão de melhoramentos, pelas 19 horas.

Comissão administrativa. — Reúne hoje esta comissão às 21 horas.

Convidam-se os colaboradores de oficina que ainda não prestaram contas, a virem fazê-lo hoje, às 21 horas.

Convida-se a reunir hoje, às 21 horas, a comissão eleita na última assembleia para elaborar o regulamento da sede.

Bolsim de Trabalho. — Reúne hoje, às 21 horas.

#### SINDICATOS

#### DA PROVÍNCIA

Sindicato da Construção Civil de Tires e Arredores. — Reúne amanhã às 21 horas em assembleia geral, com a seguinte ordem dos trabalhos:

1.º apreciar o parecer da comissão revisora de contas, da gerência do ano transacto;

2.º apreciar um ofício dimanado da Federação da Construção Civil.

Devem comparecer as direcções dos anos de 1917, 1918 e 1919.

#### ERRATA

No n.º 1.004, 2.ª página, 4.ª coluna, última linha do texto de parêntese, a seguinte: onde se lê "população", ler-se "habitação".

### AS GREVES

#### Pessoal da Carris

Reúne novamente esta classe com extraordinária concorrência e animação para apreciar a marcha do movimento, sob a presidência do camarada José Augusto Martins, secretário geral das camaradas Luís Cândido e Manuel Rêlo.

O camarada presidente cita o facto da Companhia ter feito safar na imprensa burguesa uns convites para inscrição de novo pessoal, aconselhando a classe a que continue firme e enérgica porque assim a vitória que se aproxima é um facto visto a razão nos pertencere.

Manuel Carvalhais refere-se à sua prisão, agradecendo a maneira como souberam encetar demarchas para a sua libertação e do camarada Rafael Assunção.

Referindo-se ao aviso da Companhia, faz várias considerações e aconselha a classe a só receber ordens da Associação, para que a vitória seja completa. Páa a seguir Armando Martins, que diz que apesar de doente não podia deixar de vir demonstrar a sua solidariedade para com a classe. Acrescenta que o facto de vir hoje o aviso da Companhia para chamamento de novo pessoal, significa ser hoje o primeiro dia de greve e portanto aconselha a classe a manter-se unida como um só homem, para estabelecer a luta com os inimigos, que são Companhia, governo e Confederação Patronal. Consta que se tem feito diversas perseguições, tendo-se metido nas masmorras da república camaradas conscientes de vendo toda a classe estar de alma e coração com esta luta, aguardando os ordens do comité, porque ele está vigilante. Se a classe se não souber imbuir pelos seus direitos, amanhã a Companhia retiraria todas as pequenas realidades que com sacrifício se têm alcançado, dizendo que se houverem traídores a esta causa, a classe lhes saia dar o castigo que esses verdugos merecem. Termina aconselhando a classe a manter-se unida até completa vitória.

Manuel Rêlo, Manuel Ferreira e José C. Andrade, seguem na mesma ordem de ideias dos oradores anteriores.

António da Silva diz constar-lhe que alguns revisores, com medo de morrerem a fome mas tentando levar milhares de pessoas a isso, se tinham apresentado para se inscreverem, mas não foram aceites, indo na comissão o célebre expedidor conhecido pelo Maneta, que não tem vergonha de já ter sido corrido, sucedendo-lhe hoje o mesmo. Fazendo ainda diversas considerações termina saudando a classe pela maneira como se tem sabido conduzir. Não havendo mais oradores inscritos, encerrou-se a sessão às 19 horas, com vivas à união das classes trabalhadoras, à greve do pessoal da Carris, às classes em luta, à C. G. T., à Batalha, etc.

Reúne hoje a classe, às 15 horas.

#### Um "amarelo" tubarão

Na assembleia do pessoal da Carris foi lida uma carta donde se extraiu um caso odioso, que passamos a narrar.

Um apontador de 2.ª classe das obras públicas, chamado Aníbal Machado, entregou-se à ignóbil tarefa de trair o movimento grevista da Carris, prestandose a guiar alguns dos carros que para ali andam representando a comédia burlesca da normalização dos serviços.

Há muito, há milhares de anos que a humanidade sofre o peso de dois regulos atrozes, virulentos e impassíveis — Estado e Deus — que imperam castigando vítimas em holocausto dessa entidade misteriosa e cruel, malfazeja e hilogabólica, que fitando os séculos se eleva entre ruínas de carne e de osso, graça sobre um pedestal sólido no preconceito e na obscuridade, na espada e no sofisma.

Legendário Bal, inexorável e carrasco qual monumento ciclópio cuja sombra é fatídica, ergue-se em símbolo de discórdia no centro de um mar pujante e furibundo de anátemas.

Eis a propriedade

Em vão que se roga aos Deuses bondade e calma: mais oceano de tempestades, pois é cada vez mais esurdecedor o tumultuar incessante de ondas de cólera e vingança nos flancos do monstro de gesso — brados atrozes de mil gúleas sedentas que pedem justiça.

Deus, o que é Deus?

Deus, dizem os teólogos, é a essência de tudo quanto existe. Mas essa definição não satisfaz, é inepta. Todavia esse pormenor biográfico de uma coisa que nunca alguém compreendeu, porque já mais o pensador e o filósofo ousariam compreender e atingir o que é ausente de lógica e razão, vem sendo afirmado à superfície do mundo com a tirania do dogma de prepotência absoluta.

Nunca até hoje se pôde generalizar uma ideia sobre o ser infinito.

O paganismo e o budismo, o cristianismo e o islamismo com os seus vários sistemas e teorias sobre o problema da unidade apenas nos apresentaram: de um modo mais ou menos cristalizado, anomalias do nosso entendimento prescrutador.

E demais como poderia generalizar-se um ser infinito?

No simples facto de evidenciar-se infinito perde qualquer com de classificação. Porisso Deus, que os inenarráveis da religião teimam em interpretar e cognominar como se a imensidade de tal missão os não apavorasse, vem para o campo do finito, porque foi definido e dissecado e que arbitrariamente pode ser um átomo ou um mundo, um aerólito ou uma nebulosa. O infinito é infinito por consequência não admite definição. O confusãoismo dos senhores fariseus é um absurdo e revoltante que chega ao ponto (ó Deus estralados!) de insuflar que não se deve compreender Deus, mas sim crer em Deus!

Logo éis proavam que a compreensão de Deus é inadmissível e o que existe é a fé e a crença, assás diferente.

E que é o Estado?

O Estado, dizem os legisladores, é o poder erigido no seio da sociedade humana para que a liberdade entre os homens se mantenha íntegra. O Estado, para nós, é um instrumento de opressão do capitalismo contra o proletariado.

Deus, o que é Deus?

Deus, dizem os teólogos, é a essência de tudo quanto existe. Mas essa definição não satisfaz, é inepta. Todavia esse pormenor biográfico de uma coisa que nunca alguém compreendeu, porque já mais o pensador e o filósofo ousariam compreender e atingir o que é ausente de lógica e razão, vem sendo afirmado à superfície do mundo com a tirania do dogma de prepotência absoluta.

Nunca até hoje se pôde generalizar uma ideia sobre o ser infinito.

O paganismo e o budismo, o cristianismo e o islamismo com os seus vários sistemas e teorias sobre o problema da unidade apenas nos apresentaram: de um modo mais ou menos cristalizado, anomalias do nosso entendimento prescrutador.

E demais como poderia generalizar-se um ser infinito?

No simples facto de evidenciar-se infinito perde qualquer com de classificação. Porisso Deus, que os inenarráveis da religião teimam em interpretar e cognominar como se a imensidade de tal missão os não apavorasse, vem para o campo do finito, porque foi definido e dissecado e que arbitrariamente pode ser um átomo ou um mundo, um aerólito ou uma nebulosa. O infinito é infinito por consequência não admite definição. O confusãoismo dos senhores fariseus é um absurdo e revoltante que chega ao ponto (ó Deus estralados!) de insuflar que não se deve compreender Deus, mas sim crer em Deus!

Logo éis proavam que a compreensão de Deus é inadmissível e o que existe é a fé e a crença, assás diferente.

E que é o Estado?

O Estado, dizem os legisladores, é o poder erigido no seio da sociedade humana para que a liberdade entre os homens se mantenha íntegra. O Estado, para nós, é um instrumento de opressão do capitalismo contra o proletariado.

Deus, o que é Deus?

Deus, dizem os teólogos, é a essência de tudo quanto existe. Mas essa definição não satisfaz, é inepta. Todavia esse pormenor biográfico de uma coisa que nunca alguém compreendeu, porque já mais o pensador e o filósofo ousariam compreender e atingir o que é ausente de lógica e razão, vem sendo afirmado à superfície do mundo com a tirania do dogma de prepotência absoluta.

Nunca até hoje se pôde generalizar uma ideia sobre o ser infinito.

O paganismo e o budismo, o cristianismo e o islamismo com os seus vários sistemas e teorias sobre o problema da unidade apenas nos apresentaram: de um modo mais ou menos cristalizado, anomalias do nosso entendimento prescrutador.

E demais como poderia generalizar-se um ser infinito?

No simples facto de evidenciar-se infinito perde qualquer com de classificação. Porisso Deus, que os inenarráveis da religião teimam em interpretar e cognominar como se a imensidade de tal missão os não apavorasse, vem para o campo do finito, porque foi definido e dissecado e que arbitrariamente pode ser um átomo ou um mundo, um aerólito ou uma nebulosa. O infinito é infinito por consequência não admite definição. O confusãoismo dos senhores fariseus é um absurdo e revoltante que chega ao ponto (ó Deus estralados!) de insuflar que não se deve compreender Deus, mas sim crer em Deus!

Logo éis proavam que a compreensão de Deus é inadmissível e o que existe é a fé e a crença, assás diferente.

E que é o Estado?

O Estado, dizem os legisladores, é o poder erigido no seio da sociedade humana para que a liberdade entre os homens se mantenha íntegra. O Estado, para nós, é um instrumento de opressão do capitalismo contra o proletariado.

Deus, o que é Deus?

Deus, dizem os teólogos, é a essência de tudo quanto existe. Mas essa definição não satisfaz, é inepta. Todavia esse pormenor biográfico de uma coisa que nunca alguém compreendeu, porque já mais o pensador e o filósofo ousariam compreender e atingir o que é ausente de lógica e razão, vem sendo afirmado à superfície do mundo com a tirania do dogma de prepotência absoluta.

Nunca até hoje se pôde generalizar uma ideia sobre o ser infinito.

O paganismo e o budismo, o cristianismo e o islamismo com os seus vários sistemas e teorias sobre o problema da unidade apenas nos apresentaram: de um modo mais ou menos cristalizado, anomalias do nosso entendimento prescrutador.

E demais como poderia generalizar-se um ser infinito?

No simples facto de evidenciar-se infinito perde qualquer com de classificação. Porisso Deus, que os inenarráveis da religião teimam em interpretar e cognominar como se a imensidade de tal missão os não apavorasse, vem para o campo do finito, porque foi definido e dissecado e que arbitrariamente pode ser um átomo ou um mundo, um aerólito ou uma nebulosa. O infinito é infinito por consequência não admite definição. O confusãoismo dos senhores fariseus é um absurdo e revoltante que chega ao ponto (ó Deus estralados!) de insuflar que não se deve compreender Deus, mas sim crer em Deus!

Logo éis proavam que a compreensão de Deus é inadmissível e o que existe é a fé e a crença, assás diferente.

E que é o Estado?

O Estado, dizem os legisladores, é o poder erigido no seio da sociedade humana para que a liberdade entre os homens se mantenha íntegra. O Estado, para nós, é um instrumento de opressão do capitalismo contra o proletariado.

Deus, o que é Deus?

Deus, dizem os teólogos, é a essência de tudo quanto existe. Mas essa definição não satisfaz, é inepta. Todavia esse pormenor biográfico de uma coisa que nunca alguém compreendeu, porque já mais o pensador e o filósofo ousariam compreender e atingir o que é ausente de lógica e razão, vem sendo afirmado à superfície do mundo com a tirania do dogma de prepotência absoluta.

Nunca até hoje se pôde generalizar uma ideia sobre o ser infinito.

O paganismo e o budismo, o cristianismo e o islamismo com os seus vários sistemas e teorias sobre o problema da unidade apenas nos apresentaram: de um modo mais ou menos cristalizado, anomalias do nosso entendimento prescrutador.

E demais como poderia generalizar-se um ser infinito?

No simples facto de evidenciar-se infinito perde qualquer com de classificação. Porisso Deus, que os inenarráveis da religião teimam em interpretar e cognominar como se a imensidade de tal missão os não apavorasse, vem para o campo do finito, porque foi definido e dissecado e que arbitrariamente pode ser um átomo ou um mundo, um aerólito ou uma nebulosa. O infinito é infinito por consequência não admite definição. O confusãoismo dos senhores fariseus é um absurdo e revoltante que chega ao ponto (ó Deus estralados!) de insuflar que não se deve compreender Deus, mas sim crer em Deus!

Logo éis proavam que a compreensão de Deus é inadmissível e o que existe é a fé e a crença, assás diferente.

E que é o Estado?

O Estado, dizem os legisladores, é o poder erigido no seio da sociedade humana para que a liberdade entre os homens se mantenha íntegra. O Estado, para nós, é um instrumento de opressão do capitalismo contra o proletariado.

Deus, o que é Deus?

Deus, dizem os teólogos, é a essência de tudo quanto existe. Mas essa definição não satisfaz, é inepta. Todavia esse pormenor biográfico de uma coisa que nunca alguém compreendeu, porque já mais o pensador e o filósofo ousariam compreender e atingir o que é ausente de lógica e razão, vem sendo afirmado à superfície do mundo com a tirania do dogma de prepotência absoluta.

Nunca até hoje se pôde generalizar uma ideia sobre o ser infinito.

O paganismo e o budismo, o cristianismo e o islamismo com os seus vários sistemas e teorias sobre o problema da unidade apenas nos apresentaram: de um modo mais ou menos cristalizado, anomalias do nosso entendimento prescrutador.

E demais como poderia generalizar-se um ser infinito?

No simples facto de evidenciar-se infinito perde qualquer com de classificação. Porisso Deus, que os inenarráveis da religião teimam em interpretar e cognominar como se a imensidade de tal missão os não apavorasse, vem para o campo do finito, porque foi definido e dissecado e que arbitrariamente pode ser um átomo ou um mundo, um aerólito ou uma nebulosa. O infinito é infinito por consequência não admite definição. O confusãoismo dos senhores fariseus é um absurdo e revoltante que chega ao ponto (ó Deus estralados!) de insuflar que não se deve compreender Deus, mas sim crer em Deus!

Logo éis proavam que a compreensão de Deus é inadmissível e o que existe é a fé e a crença, assás diferente.

E que é o Estado?

O Estado, dizem os legisladores, é o poder erigido no seio da sociedade humana para que a liberdade entre os homens se mantenha íntegra. O Estado, para nós, é um instrumento de opressão do capitalismo contra o proletariado.

Deus, o que é Deus?

Deus, dizem os teólogos, é a essência de tudo quanto existe. Mas essa definição não satisfaz, é inepta. Todavia esse pormenor biográfico de uma coisa que nunca alguém compreendeu, porque já mais o pensador e o filósofo ousariam compreender e atingir o que é ausente de lógica



# A BATALHA no Porto

## CRÓNICA

**Em consequência do custo da vida se agravar constantemente, o operário desta cidade está em reclamação de aumento de salário — A greve em princípio**

A segunda parte da moção aprovada, pelo operariado, no memorável comício de S. Crispim, está sendo posta em prática por quase a totalidade das corporações profissionais.

A primeira parte do documento da U. S. O., entregue ao representante do governo, para que meditassem bem sobre a reclamação que a vida econômica se agravava, havendo menos egoísmo e parte dos senhores comerciantes e das entidades explorativas e mais consideração pelos humildes que trabalham. Infelizmente a reclamação foi comida de um insucesso a toda a prova: nem sequer houve a amabilidade de conservar o custo dos gêneros no mesmo estado; encareceram a olhos vistos, de dia para dia, como sinal de desprezo, como medida de ironia punição.

A ser assim, restava pôr em execução o segundo ponto: as exigências de aumento de salário, para os trabalhadores não só terem mais um pouco de pão na sua mesa, mas ainda terem a facilidade de poder adquirir a renovação do seu falo, do seu calçado, dos móveis, etc., direito natural que lhes assiste e tem sido negado. Ponderadas todas estas razões de peso, analisada a situação presente, que mais vai agravando as agruras dos que sofrem as bestialidades dos traficantes, os sindicatos profissionais deram grito de alarme e puseram-se em movimento.

As assembleias magnas têm-se sucedido, regularmente concorridas, e nelas se tem formulado as bases das reclamações enviadas ao patronato, que se confessou um tanto surpreso, mas sem motivo para isso, porque ele igualmente tem encarecido os seus produtos e ganha rios de dinheiro.

Actualmente, as classes reclamantes são: a construção civil, todas as especialidades da indústria metalúrgica, os operários mobiliários, manipuladores de tabaco, tipógrafos e os profissionais da indústria têxtil, que tam mal pagas estão e tantos ricos nababos tem criado.

Em algumas das classes enumeradas já foi proclamada a greve em princípio, parecendo que os artistas da praça não precisariam de vir à luta, em consequência dos patrões mostrarem disposições para um acordo completo e mesmo porque entre eles havia certa desinteligência.

Esta agitação operária pró-melhoria de ordenado, vai causando alguma impressão nos potentados, que não esperavam já pela efervescência; também os trabalhadores contavam que o honrado comércio e a honrada indústria ganhassem um pouco de juízo e, afinal, a exploração prosseguir na sua acção rapinante. Da maneira que a autoridade moral de criticar o gesto presente das classes obreiras, falta por completo a todos os que se dedicam a viver à custa do suor alheio.

A luta, dos que trabalham, pela existência feliz não pode parar, e ela já mais parará, caminhando-se umas vezes numa maneira, outras vezes de outra, consoante as circunstâncias de o terminem.

Quando a sociedade se modificar e os homens se entenderem melhor, deixando-se de se explorarem mutuamente, então o sossego será um facto e o problema da ordem encontrará solução definitiva. Pelo processo dos exercícios permanentes é que se não conseguirá o equilíbrio humano.

**Uma medida administrativa que poderia tornar-se extensa**

Tem-se barafustado para aí contra o facto dos contractors de bilhetes de teatros e cinemas assambrarem as passagens das casas de espectáculos e vendê-las por preços exorbitantíssimos. Apesar dos protestos, o público já mais abandonou a frequência dos espectáculos, por que com milhares de quinhentos, os dos filmes cómicos e políticos ensinarem a petizada a mais costumes.

Mas o chefe do distrito, para provar que é inimigo dos assambradores, resolveu pôr sobre os autos, determinando em Edital que as empresas não podem dar, quer dizer, vender todos os bilhetes aos contractors, devendo estes estar distantes cinquenta metros do edifício do teatro ou cinema e não podendo sofrer um lucro superior a 25%! Não podemos condenar esta medida, pelo contrário, desculpamos que ela se tornasse extensiva aos contractors dos gêneros de primeira necessidade, desde os alimentícios aos de vestuário, determinando-lhes, pelo Edital da energia e da vontade, da moral e da sinceridade, que não podiam assambrar o alimento humano, nem impoem ter lucros fabulosos como os actuais, apresentando-lhes uma tabela taxativa de preços acessíveis a todas as bolsos. Porque esses contractors

**Depois dos folguedos a calmaria — O balanço das despesas e quem as paga — Além dum pequeno susto, nada de interesse... por enquanto...**

Os últimos folguedos do entrudo deixaram a cidade prostrada num grande languescimento, arrastando-se monotonamente num refazimento de energias físicas e económicas desperdiçadas nas loucuras dum folio endiabrado. A par da reparação de forças esgotadas no pagode carnavalesco, segue-se atentamente o balanço do que se gastou com a vistosidade dos factos e máscaras, com a metralha da jogatina entredesca e com os sorrisos caros das cocottes com ou sem livrete. Alguém tem de pagar, com língua de palmo, todas as diferenças, e, portanto, logo que esteja averiguado o montante exacto da percentagem devida com os gêneros de primeira à quinta necessidade vão se sobrecarregados. Porque, muito à sua capa, já se fala num novo aumento do custo da vida, porque já há muito que não tinha subido de preço... A base em que os comerciantes e industriais assentam esta nova deliberação tomada a ocultas não é baseada nas bacanas descaradas que terminaram ontem, ou antes, hoje de manhã, com elevado dispêndio de capital; rebuscam na hipocritamente nas manhosas justificações dos presentes pedidos de aumento de salário que o operariado portuense vem fazendo. Assumam-se, realmente, com as reclamações de carácter económico que os sindicatos formularam ao patronato, e ainda mais se arreceiam por verem a linha de coação traçada pelo trabalhadores, que disciplinadamente, mas voluntariamente, acatam as determinações sindicais das suas assembleias concorrenciais.

Tirando isto, não há grande coisa de interesse: o Porto ainda está a espreguiçar-se das suas leviandades e arrojamientos de lá pelas horas, mal saída da sorna e dos pesadelos estonteantes à luxúria. As senhoras ricas e titilantes, que bacaneamente dançaram até ao dia, com a santa ideia de proteger os pobres, fogem dos primeiros bojeos, desembrançam-se das primeiras recordações de volúpia tão perfumada e preparam-se, como boas cristãs, para se deleitarem nos sagrados officios da divina igreja, que ficará em quasi permanente espectáculo até ao dia de Páscoa. Após o regaboiê, a penitência snobice...

Os grupos políticos de variegadas cores, onde também se fez carnaval ruidoso — como se aquilo algum dia deixasse de ser entrudo gordo — igualmente estão em descanso por mais algumas horas, após o que voltarão a incomodar-nos com os seus constantes convites para a defesa da... república e com as suas notas officiosas comunicando que resolveram assuntos de carácter secreto. Voltarão os boatos e as especulações e reentrarão-se há na vida normal da anormalidade portuguesa.

É tudo quanto o antigo burgo canta, a não ser, como acréscimo, o tabalho que várias entidades estão tendo em distribuir entre os pobres o produto resultante das sobretaxas especiais lançadas aos lucros provenientes dos balões e espectáculos truanescos, bem como da venda da flor, que pegou de moda — tudo para que a miséria se continue estendendo nas ruas, ilhas, bairros e a porta dos quartis, suplicando uns acréscimos de rancho mal feito...

**A crónica do roubo alarga os seus relatos cotidianos — Não há mãos a medir — Um pavor**

No entanto, aproveitando esta calmaria após a tempestade foliata, será bom aludirmos à crónica do roubo. *Legal*, que as gazetas diariamente trazem nas suas colunas. O Porto e arredores estão peizados de tropas, à espreita do inimigo, enquanto alguns dos seus officiais, para dispersarem o fedor, tocam guitarra, com mais ou menos dedicação; a guarda republicana tem aumentado os seus efectivos, aparecendo, solta, em toda a parte; as várias especialidades de polícia, à paisana e fardada, nunca foram tão numerosas como agora, todas dedicadas a um trabalho insano de investigações e vigiadelas; e, por fim, os tribunais, também multiplicados e com pessoal ampliado, funcionam quasi por enfiada na preparação de jornadas de vadios e rapinantes destinados às costas de Africa.

E contudo, a referida crónica do roubo vai num crescendo desolador. Furtos se em toda a parte e não há diques que se oponham ao seu desenvolvimento. Mas o roubo vai-se aristocratizando; não se trata só de cartelistas, de vigaristas, compeos de lapões, de assaltadores de viandantes ou de galteiros, de introductores furtivos na casa alheia.

Embora estes também vão numa progressão numérica respeitável, há uma nova classe que estendem bem o seu raio de acção: sucedem-se, numa enfiada digna de nota, os habéis falsificadores de letras, de contos, de cheques e de firmas comerciais que, não existindo registadas nas competentes repartições officiais do estado, negociam, todavia, com pericia, por vezes.

É uma quadrilha de industriais inteligentes que está a espalhar a desconfiança entre o comércio e a industria, porque as suas transacções são tam finamente urdidas, que consegue os seus fins, conquistando depois se venha a descobrir a marroca. Não falamos já nos desfalques endémicos.

De braço dado, pois, com a roubalheira da rua, caminha a roubalheira dos estabelecimentos e das alfândegas, por um processo elevado: o «roubado» é que entrega o roubo ao «ladro». Daí o pavor que está a originar o engrossamento da crónica do roubo nesta cidade, que está a tornar-se uma universalidade no género.

Feita a dovuta análise, que a intelligência da policia e a obsecção dos juizes não vêem, verifica-se que a crónica do roubo legal aumenta proporcionalmente à crónica do roubo legal. Antes da guerra, o comércio e a industria portugueses não eram tam intensos nem tam extensos, toda a gente sabia durante e o *post-guerra* trouxe-nos uma aluvião de novos negociantes, industriais e intermediários de diferentes espécies, registando-se no tribunal do comércio milhares de estabelecimentos novos: armazéns, mercaderias, bancos, companhias, casas de comissões e consignações, etc., fazendo-se fortunas de um momento para o outro, criando-se novos ricos a insultar-nos com os seus «paventes» e insolências. Junto o aumento do exercicio traficante ao feroz egoísmo da especulação desenvolvida, deviam, fatalmente, dar este resultado: a conflagração entre os próprios tratantes dos negócios e miséria pública. Os mal sucedidos do negocio formam grupo; e como já não estão para grande trabalhos, e como aprenderam uns segredos aliados às astúrgencias da habilidade e da fascinação do luxo e do prazer vistos nos outros, vão de fazer a «ilegalidade» o que não conseguiram a legalidade — atiram-se para as falsificações de assinaturas, de letras, cheques, firmas, o diabo.

Quanto ao humilde cabouqueiro que não possui habilitações literárias nem comerciais, limita-se a assaltar e a roubar se possível for, umas ceroulas rotas do seu vizinho, tam desgraçado como ele...

De maneira que o roubo dos grandes, provoca o roubo dos médios e dos pequenos; porque todos se julgam no direito de fazer o que os outros fazem, porque todos se julgam no direito de viver como o seu semelhante.

Sendo a actual sociedade constituída um roubo permanente, que vem de cima para baixo, do Estado ao mais simples lacerdoeiro, legalmente falando, não é motivo para admirações as tramoiadas surripiladas que são feitas afora a regulamentação das tramoiadas officiais existentes, mas sim para reflexões, que nos levarão a este raciocínio: *há que reformar a actual estrutura da sociedade...*

**Comemorando uma data operária: 7 de Março**

Toda a mocidade sindicalista revolucionária deste velho burgo resolveu comemorar o próximo dia 7 de Março, data operária sangrenta que está bem gravada na história dos movimentos trabalhadores do Porto: baqueou-nos aquele dia funesto o jovem sindicalista Alfredo Henrique Vilaça, assassinado pela P. S. E., quando se dispunha a colaborar com o entusiasmo da sua fé revolucionária, na greve greve proclamada a favor das classes fluviais.

Há grande interesse por esta sessão comemorativa, que se efectuará na sede do Sindicato Unico da Construção Civil, à rua da Boavista, 327, 2.º.

**A classe dos operários litógrafos, entre outros coisas, resolve auxillar 'A Batalha'**

Na última reunião da direcção da Associação de Classe dos Litógrafos ficou resolvido distribuir pelas officinas listas de subscrição pró-*A Batalha*, colaborando no urgente auxilio a prestar áquele órgão da organização operária e correspondendo ao apelo feito pela Federação da Industria. A este organismo federativo, bem como aos litógrafos do sul, vai ser comunicado que a associação acima referida recebeu o *Boletim da Internacional dos Litógrafos e Artes Similares*, com sede em Bruxelas. Incluido com a participação irá um exemplar do mesmo *Boletim*. Admitidos seis novos sócios; foi aprovada uma proposta na qual se atende às necessidades de melhorar e completar o mobiliário da sede e que termina com as seguintes conclusões:

1.º — Que seja levado a efeito um sorteio de um magnifico objecto de arte, apelando para que todos os componentes da classe se interessem pela venda dos bilhetes; 2.º — Que este sorteio se efective a quando da passagem do aniversário desta Associação, caso para isso seja resolvido promover uma sessão comemorativa dessa data; 3.º — Que sejam estudadas outras formas viáveis e honrosas, que nos levem a conseguir o indispensável para os melhoramentos de que a nossa Associação carece.

**Queixas e reclamações**

Comunica-nos Pedro Mendes Correia que entrou para o serviço do dr. Magalhães Lima, como guardador-pôr em 1.º de Maio de 1920, ganhando 1500 mensal. Como a curadoria da vida fosse sumamente considerável, pediu elevação no seu ordenado, ficando depois a auferir 1800. Fôrda a vida foi crescendo sempre a um novo pedido, aumentou-lhe mais 100 mensal, ficando então com 1900, a saber: a sem mais vantagens, querendo ainda mais, que o seu ordenado pagasse a despesa de limpeza da escada a sua custa. Começou então a apresentar-lhe as folhadas gastos com essa limpeza, e como o que ganhava não lhe chegasse para o pao, quando lhe apparecia qualquer serviço, abandonava a escada e ia ganhar nua alguns cobres para assim sustentar um pouco a sua vida. Por este motivo o sr. Magalhães Lima tratou de o despedir, mas como em Outubro se referisse para o estrangeiro, encareceu esse serviço o seu procurador, sr. Carvalho, que o tem ameaçado de lhe pôr tudo na rua hoje, com a intervenção da policia, vendendo-o a Mendes Correia em séculos e em virtude da falta e carência de quartos, que se conseguem por elevados trepasses.

«Considerando que a organização operária tem por fim, não só a defesa dos interesses económicos do operariado, mas também a preparação e educação moral para uma sociedade baseada na paz e no amor, banindo todos os vícios que corrompem a humanidade; considerando que no teatro Aguiar de Ouro, desta cidade, se estão representando espectáculos imorais só para homens, o que representa uma afronta à assembleia magna da classe dos operários da industria de mobiliário; protesta indignadamente contra tais espectáculos atentatórios da moral pública e pede providências às autoridades superiores do distrito.»

**Uma sessão solene em Avintes**

Comemorando o 1.º aniversário da fundação, em Avintes, da 1.ª secção do Sindicato Unico da Industria de Mobiliário, effectuou-se uma sessão solene, que principiou às 10.30, presidindo o camarada Almeida Pereira, delegado da Federação da referida industria, que teve como secretários os delegados da Juventude Sindicalista do Porto e Gaia e dos S. U. Metalúrgico e Construção Civil.

O camarada Emilio Teixeira, bem como o representante do S. U. da C. Civil, fizeram um excelente discurso de propaganda, que agradou completamente à assistência. Falaram ainda:

# A BATALHA NA PROVINCIA NOS ARREDORES

## Almada

1 DE MARÇO  
**A questão das águas e o sr. Pimenta**

Causou grandes engulhos a nossa correspondência de 24 de Fevereiro. «Seria porque na referida correspondência faltássemos à verdade? Parece que não, pois que até hoje ainda não recebemos desmentido algum.

Os engulhos foram causados justamente porque apontámos verdades, que muito embora amargas, são no entanto verdadeiras.

Nós que tomámos o encargo de dizer no jornal, tudo o que possa elucidar os trabalhadores, e pôr a nu todas as traficâncias politiqueras daqueles que se julgam neste concelho como em terra conquistada, sabemos já que estamos ameaçados, e também sabemos que é da parte de alguns operários das officinas Perry & Sons, que partiram essas ameaças.

No entanto, não nos amedrontamos que assim pensamos e a prova é que vamos continuar a nossa obra cirúrgica. Em Setembro de 1920, era então presidente da câmara o sr. Paiva, actual vereador, enviou a U. S. O. de Almada, a câmara municipal reclamações por escrito, por escrito, no sentido de ser estudado o problema do abastecimento de água no concelho, e dar-lhe execução com a máxima brevidade.

Essa reclamação, respondeu a câmara em 11 de Outubro do mesmo anno em officio, cujo numero é o 157, em que dizia que o abastecimento de água no concelho prendia todas as atenções da câmara, mas que só obstará a sua realização a falta de verba para tal. Porém, que em vista do art. 1.º da lei n.º 999, de 15 de Julho do mesmo anno que concedia ás câmaras legarem o imposto *ad valorem* até 3% sobre as exportações do concelho, contava a câmara com essa verba para tornar realidade a execução de tam importante melhoramento, assim como também doutros de reconhecida necessidade.

Era neste tempo presidente da comissão executiva o sr. Artur Paiva e não o sr. Pimenta.

Isto prova-se com o respectivo officio que temos á vista.

Não venha pois o sr. Pimenta espalhar com o povo, dizendo que foi elle que teve a genial ideia de dotar Almada com tam grande melhoramento.

Mas há mais. Foi em dois artigos do nosso camarada José Alai, publicados em *A Batalha*, em Julho e Agosto desse anno, que se delinheu a forma da instalação da luz electrica no concelho, e temos o prazer de constatar que o que o mesmo camarada delinheu no jornal, até está feito sob os ordens do sr. Pimenta, cujas condições técnicas lhe são apontadas pela ponta da sua bengala. Isto só com uma diferença. É que o nosso camarada Alai não delenhou a luz a prestações, como até já mereceu a critica do nosso amigo Calica.

Orá já vé, pois o povo que nada tem sido original do sr. Pimenta, pois que outros antes dele, já tinham tido tais ideias, e que de certo as poriam em pratica se não tivessem a infelicidade de se lhe meter de permoio, o sr. Pimenta, e isto com menos espalhafatos.

Mas isto por hoje já basta. Vamos de vagar que também chegaremos ao fim.

Havemos de te abrir os olhos, povo, para que não mais te deixes acorrentar a politicos, sejam estes azuis, verdes ou amarelos, porque a emancipação dos trabalhadores há de ser obra dos próprios trabalhadores. — C.

## Cambios

	Compra	Venda
Libra esterlina.....	85000	86000
Paris.....	18043	18100
Italia.....	4014	4028
Belgica.....	4591	4605
Suiza.....	26225	26300
Espanha.....	14822	14900
Berlim.....	8047	8100
Amsterdã.....	48520	48600
New-York.....	118418	118615

## Sapateiros

**Officiais para obra de homem e senhora precisam-se.**  
R. da Mouraria, 98, 1.º

## "Peróxido"

A melhor água oxigenada. A venda em todas as farmácias e drogarias.  
Fabricantes: Bancaria de Melo, Lda.

## Acaba de aparecer:

**A INTERNACIONAL**  
MUSICA DE DEGEYTER  
LETRA DE E. POTTIER  
TRADUÇÃO DE NENO  
— VASCO —

**PREÇO \$20**  
Pelo correio \$25

## Banco de carpinteiro

Vende-se com ferramenta. Rua da Ponte Santa, pádo do Juca, Augusto Ferro Velho.

Agentes em Lisboa:

# SERRA, NEVES & ESTEVES

Rua Tugénio dos Santos, 140, 2.º

Onde podem examinar a boa colecção de todos os artigos para homem e senhora.

# LANIFICIOS

Não confundir. É o actual proprietário da antiga e bem conhecida casa Jerónimo Matos Pintasilgo, que vem lembrar mais uma vez ao consumidor, a conveniência de fazer as suas compras directamente ao fabricante, pois que o intermediário absorve largos e fabulosos interesses os quais são prejudiciais ao consumidor. E como adquirir-se um certo de calça, falo ou vestido barato? Um simples postal dirigido a JAIME PINTASILGO — COVILHÃ, lhe será enviada uma colecção na volta do correio e, no caso de qualquer escolha, nos postais que envia junto as amostras, indicará a sua escolha e será logo enviada a encomenda na volta do correio contra reembolso quando não seja a pedido acompanhado da importância.

Todas as despesas de transporte, de amostras e encomendas, são de conta da casa.

Não confundir: O proprietário desta casa pode e quer favorecer o consumidor a qualquer preço, pois que não terá outra igual, que para isso tem o maior cuidado e esmero.

Peçam amostras a JAIME PINTASILGO

Não tenham dúvida: os mais baratos são os da casa

# Jaime Pintasilgo

FABRICANTE DE LANIFICIOS COVILHÃ



